

C I A J G

centro internacional das artes
jósé de guimarães

CICLO DE
EXPOSIÇÕES

16 ABR – 5 SET / 2021



PROGRAMA ARTÍSTICO // ARTISTIC PROGRAMME
NAS MARGENS DA FICÇÃO
ON THE EDGES OF FICTION

Oito novas exposições e diálogos com as coleções marcam o início do programa artístico “Nas margens da ficção”.

As tradições dos povos de Cabinda no “Alfabeto Africano de José de Guimarães. A transmissão e a emancipação nas “maternidades” africanas, e no trabalho de Yasmin Thayná, Maria Amélia Coutinho e Carla Cruz. O cinema de Sarah Maldoror em curto-circuito com a Sala das Máscaras. “Cosmic Tones”, de Francisca Carvalho. Néons de letras e a desconstrução do signo, por José de Guimarães. As verdades e as ficções do “passado”, com Rodrigo Hernández. Um teatro de personagens insólitos, de Fernão Cruz. A máquina do mito, com Horácio Frutuoso, José de Guimarães, Kiluanji Kia Henda, Manoel de Oliveira e Anna Franceschini. Um colosso dentro do museu, com doze artistas de várias nacionalidades.

The beginning of the artistic programme
“On the edges of fiction” is marked by eight new exhibitions and by dialogues with the collections.

The traditions of the people of Cabinda in José de Guimarães’ “African Alphabet”. Transmission and emancipation in African “maternities”, and in the work of Yasmin Thayná, Maria Amélia Coutinho and Carla Cruz. Sarah Maldoror’s cinema, in short-circuit with the Masks Room. “Cosmic Tones”, by Francisca Carvalho. Neon letters and deconstruction of the sign, by José de Guimarães. The truths and fictions of the “past”, with Rodrigo Hernández. A theatre of unusual characters, by Fernão Cruz. The myth machine, with Horácio Frutuoso, José de Guimarães, Kiluanji Kia Henda, Manoel de Oliveira and Anna Franceschini. A colossus inside the museum, with twelve artists, from various countries.

COLEÇÃO

COLLECTION

José de Guimarães
Arte Africana
Pré-Colombiana
e Antiga Chinesa

MISTÉRIOS DO FOGO

MYSTERIES OF FIRE

A música portuguesa
a gostar dela própria
Carla Cruz
José de Guimarães
Maria Amélia Coutinho
“Maternidades” africanas
da coleção de José de Guimarães
Yasmin Thayná

SALA DAS MÁSCARAS

CONVIDA...
MASKS ROOM INVITES...
Sarah Maldoror

MITOS...NON... AVESSO
MYTHS... NON... INSIDE OUT

Anna Franceschini
Horácio Frutuoso
José de Guimarães
Manoel de Oliveira
Kiluanji Kia Henda

COSMIC TONES
Francisca Carvalho

“PASADO”
Rodrigo Hernández

QUARTO BLINDADO
ARMoured ROOM
Fernão Cruz

COMPLEXO COLOSSO
COLOSSUS COMPLEX

Alisa Heil e André Sousa
Andreia Santana
Carla Filipe
Gareth Kennedy
Jeremy Deller
José de Guimarães
Jorge Barbi
Jorge Satorre
Lola Lasurt
NEG: Nova Escultura Galega
Pedro G. Romero
SAL Joaquim António
Salgado de Almeida
Taxio Ardanaz
Curador convidado // Guest curator
Ángel Calvo Ulloa



Tampas de Panela
Angola, Cabinda
©Museu Nacional de Etnologia
Arquivo de Documentação Fotográfica, Direcção-Geral do Património Cultural / DGPC
Fotografia José Pessoa, 2005

Pot Lids
Angola, Cabinda
© National Museum of Ethnology, Portugal
Photographic Documentation Archive, DGPC
Photography José Pessoa, 2005

NAS MARGENS DA FICÇÃO

Com o título *Nas margens da ficção*, o novo programa artístico do CIAJG/Centro Internacional das Artes José de Guimarães debruça-se sobre o fazer ficcional da arte e remete para histórias e formas de narrar que ficaram esquecidas. Para a polifonia e o emaranhado de vozes, muitas vezes contraditórias, que disputam o museu. Dar margem à ficção através de uma imaginação que se dirige para o real e o regenera, é por onde caminharemos. Reativando o contar e o narrar, o programa convocará formas de conhecimento esquecidas ou em desuso, especulações digitais, tradições orais, construções mitológicas, fábulas, especulações.

Desqualificadas pelo projeto moderno-capitalista e pelo museu, estas narrações “simples” reacendem-se hoje, na disputa por uma nova ordem de saberes. Menores e ambíguas, épicas ou íntimas, propiciam-nos uma relação mais intensa com o real. Ou enfeitiçam-nos num sono profundo.

A coleção permanente do artista José de Guimarães (n. 1939) é o ponto de partida desta experiência que envolve outros artistas e outras criações. Reunindo arte antiga africana, pré-colombiana e chinesa, assim como o seu próprio trabalho, a coleção tem um poderoso efeito de espelho que, sob o véu de falar dos outros, devolve o nosso rosto e contradições do nosso processo histórico. Observar a obra de José de Guimarães, artista que tanto ficcionou, é um eixo deste programa.

Há um desejo nesta proposta de mover a arte e a história para além dos factos concretos, da mera informação - em direção a um sentimento de transfiguração, de poesia, de alegria. Se tudo fala no museu, como “enlouquecer” a História, os objetos, as imagens, os gestos, as palavras?

Num mundo em que as crises são permanentes e anestesiaram a nossa capacidade de resposta, importa estabelecer outras ferramentas de ação. Usar intensivamente a ficção no rearranjo entre nós e os outros e experimentar formas de existirmos juntos é, também, uma forma de reescrever a gramática do museu, questionando os seus processos de seleção e exclusão.

Estas ideias serão exploradas ao longo dos próximos três anos, através das temporadas de exposições, programas públicos, educação, performances, música e coleções. Um programa em construção, aberto e plural, e que aponta linhas de pesquisa suficientemente flexíveis para acolher outras propostas. Por isso, a imagem que gostaríamos de convocar é a de um coro de vozes. Não necessariamente afinado por uma métrica perfeita, mas polifônico. Convidando e encorajando diferentes modos de escuta.

* O título *Nas margens da ficção* é um pedido de empréstimo ao ensaio homônimo do filósofo Jacques Rancière para quem “o real precisa de ser ficcionalizado para ser pensado”.

Marta Mestre
Curadora-geral do CIAJG

On the edges of fiction

On the edges of fiction, is the title of the new artistic programme of the CIAJG / José de Guimarães International Centre for the Arts, which focuses on the fictional production of art, with reference to forgotten stories and storytelling techniques. It also addresses the polyphony and interplay of voices that interact with the museum often in a contradictory manner.

We create space for fiction through our imagination, that moves towards reality and at the same time regenerates it. Reactivating storytelling and narrative techniques, the programme revives forgotten or disused forms of knowledge, digital speculations, oral traditions, mythological constructions, fables and speculations. Disqualified by the modern-capitalist project, this “simple” stories are rekindled today, in the dispute to establish a new order of knowledge. Of minor importance and ambiguous, epic or intimate, they provide us with a more intense relationship with reality. Or enchant us into a profound slumber.

The starting point of this experience is the permanent collection of the artist José de Guimarães (b. 1939), and involves other artists and other creations. Combining African, pre-Columbian and Chinese art, as well as his own work, the collection has a powerful mirroring effect that, under the guise of talking about others, shows us our own face and the contradictions of our historical process. A core vector of this programme is observing the oeuvre of José

de Guimarães, an artist who fictionalised so many things. This proposal also aims to enable art and history to move beyond concrete facts and simple information - towards a feeling of transfiguration, poetry and joy. If everything is discussed in the museum, how can history, objects, images, gestures and words “go crazy”? In a world of permanent crises, which often tend to anaesthetise our response capacity, it is important to develop new tools for action. Using fiction intensively in order to rearrange the interactions between us and others and experimenting with different ways of existing together is also a way to rewrite the grammar of the museum, while questioning its selection and exclusion processes. Over the next three years we will explore these ideas, through the different cycles of exhibitions, public programmes, education, performances, music and collections. This is an open and plural programme under construction, which traces sufficiently flexible lines of research in order to be able to encompass other proposals. For this reason, we would like to recall the image of a chorus of voices, that are not necessarily aligned in a perfect metric, but are polyphonic. Inviting and encouraging different ways of listening.

* *On the edges of fiction* borrows its title from the homonymous essay by the French philosopher Jacques Rancière who said that “reality needs to be fictionalised before it can be thought”.

Marta Mestre
Chief curator of the CIAJG

ALFABETO AFRICANO

AFRICAN ALPHABET

SALA // ROOM 1

O alfabeto de desenhos de José de Guimarães em diálogo com a tradição de provérbios dos povos de Cabinda.

Entre 1970 e 1974, José de Guimarães reelaborou o seu desenho, produzindo um alfabeto influenciado pela linguagem ideográfica da tradição de panelas do território correspondente ao antigo e influente reino de Ngoyo (XV-XIX), atual sul de Cabinda, noroeste de Angola. Essa linguagem não era apenas visual ou decorativa, comunicava mensagens, provérbios, significados, ideias. E surgia esculpida em tampas de objetos domésticos, panelas e terrinas, aqui apresentadas em imagens projetadas.

O *Alfabeto Africano* de José Guimarães, um projeto de “osmose” da arte europeia e africana, reforça a importância do símbolo como elemento mediador entre a arte e todas as outras dimensões da existência humana, compreendendo o seu papel na transmissão cultural. As tampas de panelas contam provérbios, fícções e revelam uma grande riqueza metafórica dos *Ngoyo*.

Introduzir este vocabulário na sala dedicada à “origem” da poética de José de Guimarães, assinala a relação da arte europeia com a escultura africana, articulando fetichismo, apropriação e experimentação poética. Permite religar o acervo do museu a tradições ativas do território africano. Projetados em imagens, os relevos dos utensílios africanos assombram e iluminam o alfabeto de José de Guimarães.



Tampas de Panela
Angola, Cabinda
© Museu Nacional de
Etnologia
Arquivo de Documentação
Fotográfica, Direção-
Geral do Património
Cultural / DGPC
Fotografia José Pessoa,
2005

Pot Lids
Angola, Cabinda
© National Museum of
Ethnology, Portugal
Photographic
Documentation Archive,
DGPC
Photography José Pessoa,
2005



José de Guimarães
Alfabeto Africano,
1970-1974
tinta-da-china sobre
papel sholler stem
CIAJG - Coleção José
de Guimarães

MISTÉRIOS DO FOGO: AS “MATERNIDADES” NA COLEÇÃO JOSÉ DE GUIMARÃES

MYSTERIES OF FIRE: THE “MATERNITIES” IN THE JOSÉ DE GUIMARÃES COLLECTION

SALA // ROOM 2

Segredos, maternidades e cânticos,
entre transmissão e emancipação.
Uma viagem pelos tempos
circulares dos mistérios.

Muitas das histórias associadas aos antigos cultos de fertilidade falam de renovação e força, como aquelas do santuário de Elêusis, perto de Atenas, onde as deusas Deméter e Perséfone “faziam” renascer a primavera e a vida vegetal. Fertilidade e sabedoria juntam-se noutro mistério, o da sociedade feminina religiosa *Geledé*, dos Yorubas e dos Nagô, na Nigéria, Benim e Togo.

Pela primeira vez no museu, apresenta-se um conjunto assinalável de cinquenta estátuas africanas pertencentes à coleção de José de Guimarães, adquiridas a partir dos anos 80, na Europa. São mães ancestrais, transmissoras de modelos de vitalidade e beleza de acordo com os critérios locais e variações regionais. Os motivos que as definem são universais: a criança nos braços ou suspensa às costas, o peito e o ventre destapados, a serenidade no olhar. São plurais, exênticas, múltiplas.

A sua volta, questionando-as e abrigando-as, estão trabalhos de outros artistas. Os desenhos florais de Maria Amélia Coutinho (1916-2004), mãe de José de Guimarães que, na sua simplicidade e evidência realista evocam a “eternidade efémera” das naturezas-mortas. As histórias de emancipação das mulheres negras, no filme *Kbela* (2015) da cineasta brasileira Yasmin Thayná. Os cânticos religiosos ainda hoje interpretados na Sexta-Feira Santa, como é exemplo *O Vos Omnes ou Canto de Verónica*. Finalmente, a artista Carla Cruz através do projeto *All My Independent Women*, refeito nesta sala, incorpora novos capítulos, neste caso, pedaços da história das mulheres de Guimarães.



Maternidade/
maternity, Akan,
madeira / wood,
50x18x22 cm.
Col. José de Guimarães



Maternidade/
maternity, Atie, Costa
do Marfim, madeira/
wood, caulinha/ kaolin,
missanga/ bead,
64x18x16 cm.
Col. José de Guimarães

Secrets, maternities and songs, between transmission and emancipation. A journey through the circular time of the mysteries. The statues are flanked by the works of other artists, that question and shelter them. The simplicity and realistic evidence of the floral drawings by José de Guimarães's mother, Maria Amélia Coutinho (1916-2004), evoke the “ephemeral eternity” of still life paintings. The emancipation stories of black women, in the film *Kbela* (2015) by the Brazilian filmmaker Yasmin Thayná. The religious songs that are still performed today on Good Friday, such as *O Vos Omnes* or the *Canto de Verónica*. A remarkable set of fifty African statues from the José de Guimarães collection, acquired in different parts of Europe since the 1980s, are now shown in the museum. They are ancestral mothers, transmitters of different models of vitality and beauty, based on local cri-

CONJUGAR NO PLURAL

CONJUGATING IN THE PLURAL

CARLA CRUZ

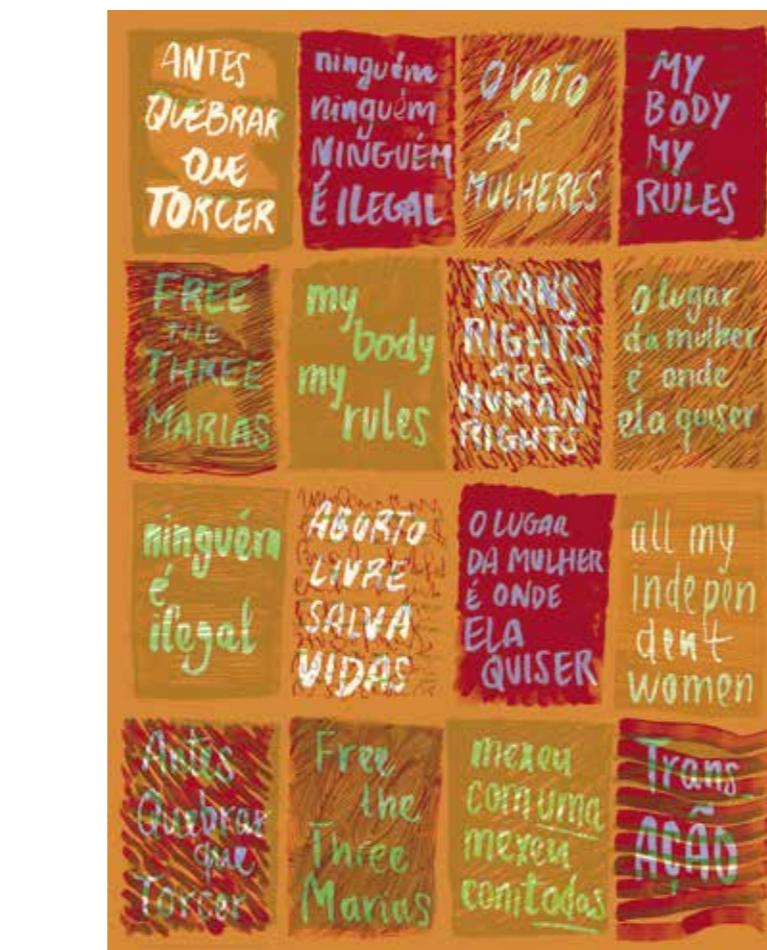
Conjugar no Plural é um projeto de pesquisa de longa-duração sobre ações, vozes e poderes no feminino. O convite para expô-lo no CIAJG materializa-se através de três tipos de suportes: uma intervenção mural, um poster e um áudio. Este conjunto acentua as ideias de diversidade, horizontalidade e pluralidade, como contrapontos a sistemas hierárquicos, especialmente no meio cultural. A intervenção mural dá continuidade a *All My Independent Women* (AMIW), projeto que iniciei na cidade de Guimarães, em 2005 (Sociedade Martins Sarmento). AMIW é uma rede de artistas que utilizam metodologias feministas para produzir gestos artísticos. Sob a forma de uma lista, em aberto, o projeto tem vindo a crescer e foi mostrado em outras cidades (Coimbra, em 2010; Viena, em 2011; Londres, em 2012). Também incorporou temas como as *Novas Cartas Portuguesas* (1972), obra literária das escritoras portuguesas Maria Isabel Barreiro, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, e o “arquivo” enquanto espaço de produção, preservação e performatividade. No CIAJG, a intervenção mural tecce os fios que ligam os “poderes da persuasão” (“soft power”) encabeçados por mulheres, e alude ao episódio do apoio das senhoras vimaranenses à desanexação de Guimarães do distrito de Braga e subsequente união ao Porto, no final do séc. XIX. Um quadro comemorativo sobre esta ação histórica, pertencente ao Fundo Vimaranense da Sociedade Martins Sarmento, é incorporado a este mural.

O poster é um trabalho colaborativo com as designers “Joana & Mariana”. Nele, abordam-se texturas e iconografias relacionadas às lutas feministas, em Portugal. Nele celebra-se a força coletiva que existe por detrás de todos os direitos fundamentais. É também um lembrete sobre a necessidade da defesa contínua destes direitos. Impresso em offset, tem distribuição gratuita.

O áudio funciona como um coro de vozes, uma polifonia. Nele relato episódios históricos, fatos e suposições, ações concretas e utopias ao redor de grupos de mulheres portuguesas. O fio condutor entre os diferentes episódios é a busca de uma comunidade, como a que fala Adrienne Rich em *Conditions for Work: The Common World of Women* (1976). Que encoraja o nosso trabalho a chegar mais longe do que havíamos ousado. Segundo Rich, as mulheres “procuraram-se” em comunidade, fortaleceram-se mutuamente. Hoje, como então, precisamos de conjugar no plural, fortalecer e estender as nossas redes.

They are plural, off-centre, multiple. *Conjugating in the Plural* is a long-term research project about actions, voices and powers in the feminine. The invitation to exhibit the project at the CIAJG is based on three different formats: a mural intervention, a poster and an audio recording. These combined works emphasises the ideas of diversity, horizontality and plurality, as counterpoints to hierarchical systems, in particular in the cultural environment. The mural intervention follows in the footsteps of *All My Independent Women* (AMIW), a project that I started in the city of Guimarães in 2005 (the Sociedade Martins Sarmento). AMIW is a network of artists who use feminist methodologies to produce artistic gestures. In the form of an open-ended

list, the project has been expanding and exhibited in other cities (Coimbra, in 2010; Vienna, in 2011; London, in 2012). It has also incorporated themes such as the *Novas Cartas Portuguesas* (New Portuguese Letters) (1972), the literary work by the Portuguese writers Maria Isabel Barreiro, Maria Teresa Horta and Maria Velho da Costa, and the “archive” as a space for production, preservation and performativity. In the CIAJG, the mural intervention weaves different threads that connect the “powers of persuasion” (“soft power”) pioneered by women, alluding to the event at the end of the 19th century, in which prominent female citizens from Guimarães supported a project to detach the city of Guimarães from the district of Braga, followed by its subsequent union with



Carla Cruz
*Conjugar no Plural/
Conjugating in the plural,*
2021
Cartaz/poster offset
50 x 70cm,
design Joana e Mariana.



Isa Beetas - Voz Omnes
A música portuguesa a gostar dela própria, 2020.



Maria Amélia Coutinho,
mãe de / mother
José de Guimarães

Maria Amélia Coutinho nasceu em Guimarães, em 1916. Filha de José da Rocha Coutinho e de Maria Mendes Simões. Frequentou o Colégio de Nossa Senhora da Conceição até 1931, e a Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, em Guimarães, entre 1931 e 1937, tendo concluído os Cursos de Comércio, Desenho e Bordados. Foi aluna dos professores José de Pina, Dr. Fernando Mattos Chaves e do escultor António d'Azevedo. Casou com Joaquim Fernandes Marques, em 1939. Tiveram três filhos: José Maria (o artista José de Guimarães), Joaquim Maria e Maria José. Dedicou-se primeiramente ao acompanhamento e educação dos filhos depois a causas sociais e assistenciais da Paróquia de N. Srª da Oliveira, em Guimarães. Faleceu a 16 de novembro de 2004.

A Música Portuguesa a gostar dela própria é uma associação que, com o trabalho do realizador Tiago Pereira, tem vindo a criar uma conscientização para o conhecimento e importância de um patrimônio vivo e muitas vezes esquecido de tradição oral, cantigas, romances, contos, práticas sacro-profanas, músicas, danças e também gastronomia. Esta conscientização, que é essencialmente um mecanismo de alfabetização da memória, lembra-nos de que é urgente documentar, gravar e reutilizar fragmentos da memória de um povo. O projeto teve início em 2011.

Yasmin Thayná nasceu em Nova Iguaçu, Brasil. É realizadora e roteirista de mais de vinte filmes, séries e clipes, entre eles, “Kbela”, “Afrotranscendence”, “pretalab”, este último sobre mulheres negras que trabalham e pensam as tecnologias. Colaborou em 2020 com o Instituto Moreira Salles, na realização do filme “A vida é urgente”.

Carla Cruz é artista, investigadora e professora (EAUM). Doutorada em práticas artísticas pela Goldsmiths, Londres. A sua prática artística recente debruça-se sobre formas de coexistir numa sociedade desigual e num planeta danificado. Atualmente desenvolve o projeto “Associação de Amigos da Praça dx Anjx” com Ângelo Ferreira de Sousa. Desde 2013, desenvolve o projeto “Finding Money” com António Contador. Foi cofundadora do coletivo feminista de intervenção artística ZOIINA (1999-2004), e da Associação Caldeira 213 (1999-2002). Entre 2005-2013 coordenou o projeto expositivo feminista “All My Independent Womeh”.

Maria Amélia Coutinho was born in Guimarães in 1916, the daughter of José da Rocha Coutinho and Maria Mendes Simões. She attended the College of Nossa Senhora da Conceição until 1931, and then completed courses in Commerce, Design and Embroidery in the Francisco de Holanda Industrial and Commercial School, in Guimarães, between 1931 and 1937, studying under the professors, José de Pina, Dr. Fernando Mattos Chaves and the sculptor, António d'Azevedo. She married Joaquim Fernandes Marques in 1939 and they had three children: José Maria (the artist José de Guimarães), Joaquim Maria and Maria José. She initially devoted herself to caring for and educating her children and then to social and welfare causes in the Parish of Nossa Senhora da Oliveira, in Guimarães. She died on November 16, 2004.

A Música Portuguesa a gostar dela própria (=Portuguese music liking itself) is an association that, through the work of the director, Tiago Pereira, has been creating awareness for the knowledge and importance of the oft-forgotten living heritage of the oral tradition, songs, novels, short stories, practices sacred, profane, music, dances and also gastronomy. This awareness - which is essentially a mechanism for memory literacy - reminds us that there is an urgent need to document, record and reuse fragments of the memory of a people. The project began in 2011.

Yasmin Thayná was born in Nova Iguaçu, Brazil. She is the director and screenwriter of more than twenty films, series and music videos, including “Kbela”, “Afrotranscendence”, “pretalab”, the latter about black women who work with, and think about, technologies. In 2020 she directed the film “A vida é urgente” (Life is urgent) for the Moreira Salles Institute.

Carla Cruz is an artist, researcher and teacher (EAUM). She has a PhD in artistic practices from Goldsmiths College, London. Her recent artistic practice focuses on different forms of coexistence in an unequal society and damaged planet. She is currently developing the project “Associação de Amigos da Praça dx Anjx” (Association of Friends of the Praça dx Anjx) with Ângelo Ferreira de Sousa. Since 2013, she has developed the “Finding Money” project with António Contador. She co-founded the feminist collective of artistic intervention ZOIINA (1999-2004), and the Associação Caldeira 213 (1999-2002). Between 2005-2013 she coordinated the feminist exhibition project, “All My Independent Womeh”.

SALA DAS MÁSCARAS CONVIDA....SARAH MALDOROR

MASKS ROOM INVITES....SARAH MALDOROR

SALA // ROOM 3

O cinema de Sarah Maldoror e o arquivo de máscaras africanas, em curto-circuito.

No filme *A Bissau, Le Carnaval* (Em Bissau, O Carnaval, 1980) contemplamos imagens de festa, observamos a criação artesanal das máscaras, assistimos a momentos lúdicos e coloridos de hibridismo e apropriação. Em *Et les chiens se taisaient* (E os cães deixaram de ladrar, 1978) dois atores, entre eles a própria cineasta, declamam o poeta da negritude, Aimé Césaire. E enquanto deambulam pelo Museu do Homem (Paris), fitam as estátuas de madeira e denunciam as atrocidades do colonialismo.

O "convite" a Sarah Maldoror (1929-2020) para coabitir uma das salas mais emblemáticas do museu tem como propósito "fazer falar" o cinema africano, entre expressão poética e política do mundo. O olhar da cineasta, uma das mais importantes do cinema pan-africano, companheira das lutas anti-coloniais e das independências das décadas de 60 e 70, faz curto-circuito com as máscaras aqui expostas. Se em *A Bissau, Le Carnaval* tomamos conhecimento das tradições vivas do território, em *Et les chiens se taisaient* é o próprio museu, com a sua genealogia moderna e colonial, que é inquirido.

Como no cinema destemido de Maldoror, as máscaras africanas dispostas nesta sala enfrentam-nos, interpelam os nossos pensamentos. Um jogo de olhares entre formas de fazer, ver e expor imagens, que permite sublinhar o poder crítico do cinema, no contexto institucional.

Sarah Maldoror's cinema and the short-circuited archive of African masks.

The film *À Bissau, Le Carnaval* ("In Bissau, The Carnival", 1980) shows us images of the festivities, including the handmade creation of masks and playful and colourful moments of hybridity and appropriation. In *Et les chiens se taisaient* ("And the dogs stopped barking", 1978) two actors, including the filmmaker herself, recite various texts by Aimé Césaire, the poet of the Negritude movement. While walking through the Museum of Man (Paris), the two actors stare at the wooden statues and denounce the atrocities of colonialism. Sarah Maldoror (1929-2020) was "invited" to cohabit one of the museum's most emblematic rooms to get African cinema "to talk" between poetic and political expression in the world. Maldoror was one of the most important filmmakers of pan-African cinema and participated in the anti-colonial and independence struggles of the 1960s and 1970s. Her gaze effectively short-circuits the masks on display here. Whereas in *À Bissau, Le Carnaval* we learn about the territory's living traditions, in *Et les chiens se taisaient* it is the museum itself, with its modern and colonial genealogy, that is placed into question. As in Maldoror's fearless cinema, the African masks on display in this room confront us and challenge our thoughts. A game of different gazes between different ways of making, seeing and displaying images, which makes it possible to underline the critical power of the cinema, in the institutional context.



Sarah Maldoror
Sill de / from
À Bissau, le Carnaval,
de S. Maldoror, 1980.

Sarah Maldoror

Nascida na cidade francesa de Condon, em 1939, sob o nome de Sarah Ducados, filha de mãe francesa e pai antilhano. Sarah Maldoror foi uma pioneira do cinema pan-africano. Em Paris, fundou o grupo de teatro *Les Gritots* e adaptou ao palco obras de Jean Paul Sartre e Jean Genet. Estudou cinema em Moscovo, foi companheira do ativista político angolano Mário Pinto de Andrade e amiga dos poetas Aimé Césaire, Léopold Séder Senghor, Frantz Fanon e Richard Wright. Da sua obra, salientam-se *Monangambee* (1969) e *Sambizanga* (1972), um dos primeiros filmes africanos de ficção realizados por uma mulher. Radicada em Paris, realizou documentários que retratam Aimé Césaire, a artista Ana Mercedes Hoyos, o escritor Leon G. Damas e a atriz e cantora Toto Bissainthe, expandindo o horizonte da história cultural negra. Faleceu em abril de 2020, aos 91 anos, vítima de Covid-19.

SALA DAS MÁSCARAS: MAIS DO QUE À VISTA DESARMADA

MASKS ROOM: MORE THAN MEETS THE EYE(S)

JOÃO PEDRO SOUSA , ANTROPÓLOGO // ANTHROPOLOGIST

A "Sala das Máscaras", também denominada de "Sala das Magias", é um espaço que agencia uma pluralidade de discursos e visões do mundo, muitas delas em disputa e contradição. Composta por máscaras adquiridas pelo artista e colecionador José de Guimarães a partir dos anos 80, no mercado europeu, a reconfiguração destes objetos no museu pede que os olhemos enquanto "objetos emaranhados", (*entangled objects*), na expressão cunhada pelo antropólogo Nicholas Thomas, em 1991. Ver os objetos através da sua multiplicidade de narrativas e histórias de vida, que vão muito além do lugar e tempo que hoje ocupam, é a proposta deste autor. Não os podemos, assim, reduzir a uma narrativa, mais ou menos convincente.

Seleciono duas peças provenientes dos Grebo/Kru, da Costa do Marfim e Libéria. O que podemos dizer destas duas máscaras? Semelhantes no estilo, destacam-se pela sua excentricidade que desestabiliza ideias de conjunto e desorienta os nossos pressupostos sobre arte e escultura africana. A materialidade impõe-se por si: bonitas, interessantes, curiosas ou desconcertantes, mas nunca neutras; a sua agência manifesta-se de uma forma física e perceptiva, sendo o seu imediatismo inescapável. Em suma, são obras de arte por inteiro, e é essa sensação que nos chega em primeiro lugar, conhecendo-se ou não o seu contexto biográfico.

Moldadas a partir de um único bloco de madeira, encontram-se em perfeito estado de conservação. Três pares de "olhos" protuberantes em duas linhas horizontais (traço característico da produção escultural tradicional deste grupo, por vezes encontrando-se também numa disposição horizontal) dominam estas obras. São rostos que veem, projetando-se para fora, para o exterior. Sobre estas obras, as interpretações de alguma literatura académica, aludem à capacidade evidente dos mestres espirituais, anciãos e curandeiros que cuidam da ligação entre o mundo dos humanos e não-humanos, do visível e do invisível. [continua na pág. 10]

The "Sala das Máscaras" (Masks Room), also known as the "Sala das Magias" (Spells Room), is a space that organises a plural diversity of speeches and world views, many of them in dispute and contradiction. Consisting of masks that the artist and collector, José de Guimarães, acquired in different European markets from the 1980s onwards, the reconfiguration of these objects in the museum asks us to look at them as "entangled objects", to use the expression coined by the anthropologist Nicholas Thomas, in 1991. Thomas proposes to see objects on the basis of their multiplicity of narratives and life stories, which go far beyond the place and time they occupy today. We cannot, therefore, reduce them to a more or less convincing narrative. Choosing two masks of the Grebo / Kru people, from the Ivory Coast and Liberia,

what can we say about these two masks? Similar in style, they stand out because of their eccentricity, that destabilises ideas as a whole and disorients our assumptions about African art and sculpture. Materiality imposes itself: they are beautiful, interesting, curious or disconcerting, but never neutral; their agency is manifested in a physical and perceptive manner, their immediacy is inescapable. In short, they are works of art in their entirety. It is precisely this feeling that hits us in the first place, whether or not we know its biographical context. Molded from a single block of wood, both masks are in perfect condition. They are dominated by three pairs of protruding "eyes", in two horizontal lines (characteristic of the traditional sculptural production of this group, sometimes also in a horizontal arrangement). They are faces that

COLEÇÃO E PESQUISA

The CIAJG, in partnership with CRIA (the Centre for Research in Anthropology), welcomes the researcher and anthropologist, João Sousa, who has been selected for the development of research into the centre's collections. The scholarship was awarded by the jury, composed by Professor Dr. Nélia Dias (ISCTE-IUL / CRIA), Professor Dr. Sónia Vespeira de Almeida (NOVA-FCSH / CRIA), and the CIAJG's Curator-General, Marta Mestre. It is financed by national funds, through the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT) / Ministry of Science, Technology and Higher Education (PIDAAC), and has a six-month duration, throughout 2021.

Máscara / mask
Grebo, Costa do Marfim/
Ivory Coast,
séc./ century 20
Madeira, pigmento, fibras/
wood, pigment, fiber.
CIAJG - Coleção José de Guimarães.



Na parte inferior do rosto, as duas peças assumem diferenças de tratamento formal. Uma apresentando-se com boca aberta, numa fala congelada ou perpétua, inserida num rosto de contornos antropomórficos; a segunda, silenciosa, destaca-se pelo seu nariz longo e avicular.

Produções vindas de uma das mais vibrantes cenas artísticas mundiais, explorando o espectro de possibilidades entre figurativo e abstrato, estas máscaras pretendem captar formas mais sutis de existência, ou, na falta de uma melhor palavra, a alma das coisas. São recetoras de forças espirituais e, quando ativadas em ritual, têm o poder de apaziguar, curar, proteger e, também, de punir. Estamos perante a dimensão conceptual da escultura africana, uma arte de ideias e reveladora de sofisticados sistemas de conhecimento e transmissão.

Sendo pouco observadas e estudadas no seu contexto original, a importância destas máscaras vai muito além da forma. São objetos que proporcionam uma oportunidade de reflexão crítica, testemunho da sua complexidade cultural. O seu imediatismo, a par da sua história, revestem-nas de um carisma assinalável.

Ao existirem no contexto do museu, objetos como os dos Grebo/Kru dão corpo a discussões difíceis sobre o passado, o património e a legitimidade. Na sua “migração” de estatuto (função ritual, objeto etnográfico, obra de arte, e agora peça de museu), vislumbramos um percurso marcado por assimetrias de poder, violência simbólica e, *de facto*, comércio e apropriação. Mas também, contacto intercultural, arte, mestria técnica, tradição e inovação cultural, orgulho cultural situado e globalização. São objetos disciplinares, reivindicados por antropólogos, arqueólogos, historiadores de arte e artistas. Convocam ideias e perspetivas, não se reduzindo a um mero estatuto de curiosidade, de sobrevivência do passado ou de estética mais ou menos “irreverente” (para o olhar Ocidental). Por outro lado, são objetos políticos e identitários, numa discussão urgente, embora não nova), sobre a reivindicação e restituição aos seus contextos de origem.

Regressando à “Sala das Máscaras”, sabemos que os objetos aí expostos não esgotam os seus significados no presente, tendo uma vida antes e outra depois. Com eles, articulamos passado, presente e futuro, indo além daquilo que apparentam. Os ecos destas obras trazem-nos o *emaranhado* de vozes criadoras e usos rituais, os seus trânsitos, a sua visão do mundo. Sendo máscaras devolvem-nos o nosso rosto, numa verdadeira arqueologia de saberes e fazeres. Aprendemos o que têm para nos dizer.



Máscara / mask.
Grebo, Costa do Marfim/
Ivory Cost,
séc. / century 20.
Madeira, pigmentos, fibras/
wood, pigment, fiber.
CIAJG - Coleção José de Guimarães.

of things. They aim to serve as recipients of spiritual forces and, when activated in ritual, have the power to appease, heal, protect and, also, punish. The issue at stake is the conceptual dimension of African sculpture - an art that is based on ideas and which reveals sophisticated systems of knowledge and transmission. Little observed and studied in their original context, the importance of these masks extends far beyond form. They are objects that provide an opportunity for critical reflection, by virtue of their cultural complexity. Their immediacy, together with their history, are imbued with remarkable charisma.

As objects shown in a museum context, objects such as those of the Grebo / Kru embody difficult discussions about the past, heritage and legitimacy. In the “migration” of their status (initially as an item with a ritual function, then an ethnographic object, work of art, and now a museum piece), we see a path that is marked by asymmetries of power, symbolic violence and, on a *de facto* basis of trade and appropriation. But this path also reflects intercultural contact, art,

technical expertise, tradition and cultural innovation, situated cultural pride and globalisation. They are disciplinary objects, claimed by anthropologists, archaeologists, art historians and artists. They summon up different ideas and perspectives and cannot be reduced to the mere status of an item of curiosity, as a remnant from the past or representing an aesthetic that is more or less “irreverent” (to the Western eye). On the other hand, they are political and identity-based objects, in a discussion that is urgent but not new), about the claim and restitution to their original contexts.

Returning to the “Masks Room”, we know that the meanings of the objects on display are not exhausted in the present. They have a life, before and after. Through them, we articulate the past, present and future, and move beyond their mere appearances. The echoes of these works convey to us the tangle of creative voices and ritual uses, their transits, their view of the world. As masks they return our face to us, in a true archaeology of knowledge and practices. Let us learn what they have to tell us.

COSMIC TONES, FRANCISCA CARVALHO

COSMIC TONES, BY FRANCISCA CARVALHO

SALA // ROOM 4

A música e os cantos africanos inspiram corpos ancestrais e futuristas. Realizados durante o confinamento, os desenhos viajam indisciplinados.

Quando a pandemia nos obrigou à primeira e inesperada reclusão, Francisca Carvalho (Coimbra, 1981) muniu-se de um livro sobre iluminuras medievais e de papel “Jaipur”, comprado na Índia, e mergulhou em paisagens singulares. Trazendo para a superfície do papel a economia visual dos pergaminhos medievais, a artista riscou, traçou e desenhou com pastéis de óleo que, literalmente, se liquefaziam.

Depois, adicionou materiais que sugerem profundidade, tactilidade e ritmo aos desenhos. Profundidade, porque vemos desenhos dentro de desenhos, contornos a sair de contornos. Tactilidade porque apelam ao toque. E ritmos porque não terem um centro, dispersando-se numa coreografia circular e hipnótica. Nesta sala, a que o CIAJG se habituou a chamar de “sala de desenho”, o papel de parede ativa o ritmo alucinante e caleidoscópico dos trabalhos, como numa caixa de luz.

A música também inspirou este *Cosmic Tones*. Enquanto desenhava, Francisca Carvalho foi ouvindo “Awesome Tapes from Africa”, plataforma digital e editora fundada por Brian Shimkovitz, que guarda e divulga a música popular do continente africano.

African music and chants inspire ancestral and futuristic bodies. Produced during the lockdown, the drawings trace an undisciplined journey.

When the pandemic forced us into the first and unexpected lockdown, Francisca Carvalho (Coimbra, 1981) began to read a book about medieval illuminated manuscripts and “Jaipur” paper, that she purchased in India, and began to immerse herself in unique landscapes. Bringing the visual economy of medieval parchments to the surface of the paper, the artist scratched, traced and drew using oil pastels that, literally, liquefy themselves. She added materials that endow depth, tac-



Imagen 1
Radiance radio waves, here and now, mixed together with algae:
gouache e colagem de fotografia sobre papel de Jaipur/ gouache and collage of photograph on Jaipur paper; 29 cm x 20,5 cm.



Imagen 2
On sight (I):
pastel de óleo sobre papel de Jaipur/ oil pastel on Jaipur paper; 29 cm x 20,5 cm.

Francisca Carvalho nasceu em Coimbra, em 1981. Formou-se em Filosofia e Artes Plásticas. Cofundadora e coordenadora do Atelier Concorde, em Lisboa. É professora de Pintura e Desenho na escola Ar.Co, Lisboa. Viajou à Índia, onde pesquisou técnicas manuais de tingimento. Do seu percurso, destacam-se as exposições individuais “Chordata”, Culturgest, Porto, “Hasta” no Handicrafts and Handloom Museum em Nova Deli, na Índia e “Loom” na ArtWorks, Laúndos (Póvoa de Varzim).

Francisca Carvalho was born in Coimbra, in 1981. She has a BA Hons degree in Philosophy and Fine Arts. She is the co-founder and coordinator of the Atelier Concorde, in Lisbon. She is a professor of Painting and Drawing at Ar.Co school, Lisbon. On the basis of her travels to India, she researched manual dyeing techniques. Her solo exhibitions include “Chordata”, at Culturgest, Porto, “Hasta” at the Handicrafts and Handloom Museum in New Delhi, India, and “Loom” at ArtWorks, Laúndos (Póvoa de Varzim).

SIGNOS SINAIS, JOSÉ DE GUIMARÃES

SIGNALS SIGNS, JOSÉ DE GUIMARÃES

SALAS // ROOMS 5–6

O número, a letra, a palavra, a grafia, a onomatopeia, a frase... são elementos de uma crítica ao signo na obra de José de Guimarães. A permanente desconstrução e reconstrução de um léxico.

É a partir dos signos gráficos que o trabalho de José de Guimarães se começa a constituir na segunda metade do séc. XX. Um dos seus primeiros trabalhos de pintura, intitulado *Começar* (1966), apresenta o algarismo 1 como se tivesse refletido num espelho. Dos anos 60 em diante, o artista jamais interrompe a pesquisa sobre o signo, convocando diferentes perspetivas: as mensagens políticas, o letreiro, o discurso gráfico das ruas, o alfabeto, os relicários, os manifestos, os néons.

A exposição *Signos Sinais*, disposta pelas salas 5 e 7, é um breve capítulo da longa narrativa sobre o signo realizada por José de Guimarães, e que o CIAJG assume como linha de pesquisa continuada.

Aimer (Amar), *Rejoint* (Reunir), *Voyage* (Viagem), *Vent* (Vento) são palavras de luz que foram apresentadas uma única vez em Bruxelas (Bélgica), no Parque Tournay-Solvay, em 2006. Originalmente expostas entre as árvores no meio do parque, juntamente com pássaros de bronze, José de Guimarães denominou-as “vozes nómadas”. Outros trabalhos com luz néon, a par de desenhos que intercalam a rígida tipografia e a fluidez do traço, expressam a riqueza experimental do artista.

Number, letter, word, spelling, onomatopeia, phrase ... are all elements of a critique of the sign in José de Guimarães' oeuvre, in his permanent deconstruction and reconstruction of a lexicon.

José de Guimarães' oeuvre began to be consolidated in the second half of the 20th century on the basis of graphic signs. One of his first paintings, entitled *Começar* (Beginning) (1966), presents the number 1 as if reflected in a mirror. From the 1960s onwards, he pursued constant research into the sign, involving different perspectives: political messages, lyricism, the graphic discourse of the streets, the alphabet, reli-

quaries, manifestos and neon signs. The exhibition *Signos Sinais* (Signals Signs), displayed in rooms 5 and 7, corresponds to a brief chapter in José de Guimarães' long narrative about signs, which the CIAJG assumes as a line of ongoing research. *Aimer* (To Love), *Rejoint* (Reunite), *Voyage* (Journey), *Vent* (Wind) are illuminated words presented on a single occasion in Brussels (Belgium), in the Tournay-Solvay Park, in 2006. Originally displayed among the trees in the middle of the park, next to bronze birds, José de Guimarães called them “nomadic voices”. The artist's experimental richness is expressed by other works produced with neon light, together with drawings that combine the rigid typography and fluidity of the contours.



José de Guimarães,
Vent, 2007
CIAJG - Coleção José
de Guimarães

José de Guimarães,
Rejoint, 2007
CIAJG - Coleção José
de Guimarães



José de Guimarães nasceu em Guimarães, em 1939. Vive e trabalha em Lisboa e Paris. Engenheiro de formação, estudou técnicas artísticas na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. Permaneceu em Angola, entre 1967 e 1974, numa comissão de serviço militar, no contexto da guerra colonial. Participa em diversas manifestações culturais de vanguarda e, em 1968, publica o manifesto "Arte Perturbadora!". O seu trabalho de mais de cinquenta décadas está representado nas mais relevantes coleções institucionais em Portugal, e um pouco por todo o mundo. A sua proposta estética incide sobre cruzamentos com a arte de civilizações não ocidentais – africana, chinesa e meso-americana – uma busca incessante de relações não verbais, a que não é estranha a atividade de colecionador a que se vem dedicando há várias décadas. Na última década, viu serem-lhe dedicadas exposições antológicas ou retrospectivas em Portugal, Alemanha, Suíça, Brasil, Angola, China, Japão, entre outros.

“PASADO”, RODRIGO HERNÁNDEZ

“PASADO”, RODRIGO HERNÁNDEZ

SALAS // ROOMS 7–8

O que é o passado e como o sentimos? Uma construção sempre incompleta? Uma experiência íntima ou coletiva? Que ficções e verdades estão contidas no passado?

Sem responder a estas perguntas, mas apontando a sentidos para as suas respostas, Rodrigo Hernández dirige-se ao passado na sua língua mãe, o espanhol mexicano. Fora do tempo linear, *Pasado* é uma elegia, uma poesia melancólica e íntima inspirada pela coleção pré-colombiana do museu. É também uma experiência cromática.

A montagem “indisciplinada” de objetos, artefactos e obras de arte evoca o universo surrealista, mas também o projeto colonial-moderno nas Américas. Longe da razão transparente e universal europeia, sob o sol dos trópicos, alude-se ao mundo de ambiguidades linguísticas que fundou uma integração forçada de sistemas de mundo distintos. Significados e significantes à deriva, em disputa.

Num efeito de dominó, os objetos remetem uns para os outros. Uma escultura pré-colombiana permite imaginar um nexo com uma máscara em pasta de papel feita pelo artista. Uma escultura de ferro, também da autoria de Hernández, evoca o esqueleto de um dinossauro. O *Alfabeto Africano* de José de Guimarães inspira as formas de uma instalação em três dimensões. São gestos que ultrapassam o limite da fantasia histórica, para se transformarem em fantasia artística.

What is the past and how do we feel it? An incomplete construction? An intimate or collective experience? What fictions and truths are contained in the past?

Without answering these questions but suggesting that the meanings are linked to the answers, Rodrigo Hernández addresses the past in his mother tongue - Mexican Spanish. Beyond linear time, *Pasado* (Past) is an elegy, a melancholy and intimate poetry inspired by the museum's pre-Columbian collection. The “undisciplined” montage of objects, artefacts and works of art evokes the surrealist universe, and also the colonial-modern project in the Americas. Far from European transparent and universal reason, under the tropical sun, we allude to the world of linguistic ambiguities that underpinned a forced integration of different world systems. Signifiers and signified that drift, in dispute.

In a domino effect, the objects refer to one another. A pre-Colombian sculpture makes it possible to imagine a nexus with a papier maché mask made by the artist. An iron sculpture, also made by Hernández, evokes a dinosaur's skeleton. José de Guimarães' *African Alphabet* inspires the shapes of a three-dimensional installation. They are gestures that go beyond the limits of historical fantasy, to become artistic fantasy.



Rodrigo Hernández,
As much heart as a vending machine, 2019
cartão, paper-mâché, óleo, acrílico, e outros materiais
52x44x21 cm.

Rodrigo Hernández nasceu em 1983, na cidade do México. Vive entre esta cidade e Lisboa. Estudou história e filosofia. Realizou estudos artísticos na Jan van Eyck Academie (Maastricht) e na Kunstakademie (Karlsruhe). Do seu percurso, ressaltam exposições na Galleria Campari, Milão (2019), no SCAD Museum of Art, Savannah (2019), na Galeria Madragoa, Lisboa (2017), no Museo del Chopo, na cidade do México (2015) ou na Kunsthalle de Basel (2015).



Rodrigo Hernández,
Who is Portugal?, 2019
cartão, paper-mâché,
óleo e acrílico/
cardboard, paper-mâché,
oil and acrylic colors.
68x50x28 cm.

QUARTO BLINDADO, FERNÃO CRUZ

QUARTO BLINDADO (ARMOURED ROOM),
FERNÃO CRUZ

SALA // ROOM 10

Uma memória de infância, um teatro de personagens insólitos, uma ficção sobre a vida e a morte dos objetos.

Quarto Blindado de Fernão Cruz, é um espaço de infinita criação. Assim como nos mitos de origem, onde os deuses são hábeis escultores, modelando a vida dos seres e das coisas do mundo, o artista (Lisboa, 1995) aborda nesta sala o ato de criar. Inspirado pelos materiais, texturas e cores das esculturas africanas da coleção do museu, e pelas ilustrações de F. D. Bedford para o livro *Peter and Wendy* (1911), do escritor britânico J. M. Barrie, Fernão Cruz constrói uma instalação composta de diferentes camadas de significado.

As aventuras do rapaz que não queria crescer são o pretexto para a construção de um espaço psicológico e íntimo em que a realidade, suspensa pela arte, vê as suas regras subvertidas. A utilização da pasta de papel - que José de Guimarães emprega em muitas das suas obras - permite, com poucos meios, reproduzir objetos sem função, construir um espaço de sonho e de desejo, frágil e, no entanto, tangível, que o visitante invade e contempla.

Um chapéu de chuva petrificado, uma câmara de vigilância partida, um pássaro, uma cena de família e um braço mágico que parece invadir o mundo real, as esculturas povoam a sala. Realizadas sobre pano cru, e expostas como as páginas de um livro, as gravuras de F. D. Bedford são alteradas por Fernão Cruz. O universo doméstico e a intimidade, o voar sem asas de Peter Pan, os sentimentos de perda, luto e desejo, compõem um lugar de refúgio, uma realidade em que as coisas íntimas se agigantam e os corpos pesados flutuam.

A childhood memory, a theatre of unusual characters, a fiction about the life and death of objects.

Quarto Blindado (Armoured Room) by Fernão Cruz, is a space of infinite creation. As in origin myths, where the gods are skilled sculptors, shaping the lives of all beings and things in the world, in this room the artist (b. Lisbon, 1995) addresses the act of creation. Inspired by the materials, textures and colours of the



Fernão Cruz, 2021

MITOS... NON...AVESSO

MYTHS... NON...INSIDE OUT

SALAS // ROOMS 9 / 11

D. Sebastião ocupa o centro desta sala. Cortado, colado e reinterpretado expõe o mecanismo do mito: “o nada que é tudo”, sem direito nem avesso.

Composto de vários fragmentos de papel *machê*, e pintado dos dois lados, este Rei D. Sebastião de José de Guimarães interroga a criação do mito. Vemo-lo montado num estranho cavalo e na mão, em vez de uma espada, empunha uma serpente que é o seu próprio torso. Montagem heteróclita, o D. Sebastião questiona os limites da pintura e a unidade da própria figura representada. Um corte e uma colagem, uma tesoura invisível que fragmenta a unidade da narração.

A montagem cinematográfica, que consiste em reunir, numa sequência, “blocos” narrativos distintos, organiza a leitura dos trabalhos aqui reunidos. A ampla intervenção mural do artista Horácio Frutuoso (1991), os documentos provenientes do filme *Non ou Vâ Glória de Mandar* (1990) do cineasta Manoel Oliveira (1908-2015), a fantasmagoria da Rainha Ginga, registada por Kiluanji Kia Henda e a vídeo-instalação *The Stuffed Shirt* da artista Anna Franceschini (1979) exploram a mecânica do mito. Transformam e deformam os sentidos.

Horácio Frutuoso intervém nas paredes como se estas fossem páginas de um livro. Explorando a riqueza barroca de imagens do texto de Pe. António Vieira (1608-1697), o artista alude ao corpo de S. Sebastião, feito campo de batalha. Os documentos do filme de Oliveira, anotações e imagens da rodagem, evocam, por sua vez, o contra-campo da ação principal. Densa mesmo quando parece cristalina, a montagem do mito é aproximada à montagem do cinema, pois revela tanto quanto encobre.

Ao mesmo tempo, paira na sala o ruído de uma estranha e sonora maquinaria. Numa fábrica de confecções, como as que existem na região do Vale do Ave (Minho), a roupa masculina é sujeita a uma série de dobrões, movimentos e torções. Símbolo de desempenho e virilidade, as vestes transformam-se num corpo triste e cómico.

D. Sebastião occupies the centre of this room. Cut, pasted and interpreted, he reveals the mechanism of the myth: “the nothingness that is everything”, neither front nor back.

Consisting of several fragments of paper-mâché, painted on both sides, José de Guimarães' statue of king D. Sebastião questions the creation of the myth. We see him riding a strange horse. In his hand, instead of a sword, he wields a serpent, that is his own torso. An abnormal

montage, this figure of D. Sebastião questions the limits of painting and the unity of the figure represented. Based on cutting and collage, using invisible scissors that fragment the unity of the narration. Cinematographic montage, which consists of bringing together different narrative “blocks” in a sequence, structures our interpretation of the works on display.

The broad mural intervention by the artist Horácio Frutuoso (1991), the documents from the film *Non ou Vâ Glória de Mandar* (No, or the Vain Glory of Command) (1990) by Manoel Oliveira (1908-2015), the phantasmagoria of Queen Nzinga, recorded by Kiluanji Kia Henda and a video-installation *The Stuffed Shirt* by artist Anna Franceschini (1979) explore the mechanics of myth. They transform and deform the meanings.

Dense, even when it appears to be crystalline, the montage of myth is close to the montage of cinema, since it reveals as much as it hides. At the same time, the sound of strange and noisy machinery pervades the room. In a clothing factory, such as those in the Ave valley region (Minho), men's clothing is subjected to a series of folding operations, movements and twists. A symbol of performance and virility, the clothes are transformed into a sad and comical body.



Imagen 1
José de Guimarães,
Rei D. Sebastião, 1985.
Pasta de papel
polícromada/
Polychrome paper
paste, 276 cm.
Museu Calouste
Gulbenkian.

Imagen 2
Horácio Frutuoso,
2021.



Non ou Vã Glória de Mandar

A História de Portugal vista à luz das suas derrotas, contada pelo Alferes Cabrita aos homens da sua companhia em plena guerra colonial. Ou um filme sobre militares em guerra que evocam momentos de história, e que termina com a morte do Alferes Cabrita no dia 25 de abril de 1974. Um filme essencial sobre os “Non” da História de Portugal. NON é palavra buscada ao Padre António Vieira, que a chamava “terrível palavra”. O corpo e a alma de um país nunca se mostraram tanto como neste olhar de um dos seus maiores realizadores. Prémio Especial do Júri em Cannes. A anteceder a projeção do filme, são apresentadas imagens de Manoel de Oliveira em rodagem.

Um filme de
Manoel de Oliveira
com Luis Miguel Cintra,
Diogo Dória, Miguel
Guilherme,
Luís Lucas, Carlos Gomes,
António Sequeira Lopes

Portugal, Espanha, França,
1990 - 108 min.
Com a presença de
Diogo Dória, Luís Lucas,
Luis Miguel Cintra,
Miguel Guilherme e
Ruy de Carvalho.



A film by
Manoel de Oliveira
with Luis Miguel Cintra,
Diogo Dória, Miguel
Guilherme, Luís Lucas,
Carlos Gomes, António
Sequeira Lopes

Portugal, Spain, France,
1990 - 108 min.
With the presence of
Diogo Dória, Luís Lucas,
Luis Miguel Cintra,
Miguel Guilherme and
Ruy de Carvalho.



No, or the Vain Glory of Command

The History of Portugal viewed from the perspective of its defeats, as told by Alferes Cabrita to the soldiers of his company in the middle of the colonial war. Or a film about soldiers at war which evokes several historical episodes, ending with the death of Alferes Cabrita on April 25, 1974. An essential film about the word, “No”, in the

History of Portugal. NO is also explored by Father António Vieira, who called it “a terrible word”. The body and soul of a country has never been revealed so astutely as in this work, by one of the country's greatest filmmakers. It won the Special Jury Prize in Cannes. Before the film is screened, the session will project images of Manoel de Oliveira taken during the shoot.

Manoel de Oliveira nasceu em 1908, no Porto. Foi o realizador com a mais longa carreira da história do cinema, num total de 84 anos entre a sua estreia na realização (“Douro, Faina Fluvial”, em 1931) e o seu último filme (“Um Século de Energia”, em 2015). Com uma filmografia que inclui mais de cinquenta títulos, foi o único cineasta a passar do cinema mudo ao cinema sonoro, do preto e branco à cor e da película de nitroto ao suporte digital. Conhecido como “o Mestre”, Manoel de Oliveira foi reconhecido internacionalmente pelos mais importantes festivais de cinema do mundo como expoente da arte cinematográfica e também pela sua longevidade, recebendo o título de “mais velho realizador em atividade”, uma vez que continuou a filmar até aos 106 anos.

Manoel de Oliveira was born in 1908, in Porto. He was the longest active filmmaker in the history of cinema, covering a total of 84 years between his first film, “Douro, Faina Fluvial”, in 1931, and his last film, “Um Século de Energia”, in 2015. With a filmography that includes more than fifty titles, he was the only filmmaker to make the transition from silent to sound cinema, from black and white to colour film, and from silver nitrate film to digital media. Known as “the Master”, Manoel de Oliveira was internationally recognised by the world's most important film festivals as a master of film art and due to his longevity was the “oldest living filmmaker still actively working within the industry”, since he continued to film until the age of 106.

Horácio Frutuoso nasceu em 1991, em V.N. de Famalicão. Estudou na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Foi membro do grupo SINTOMA e coautor do projeto artístico “Expedição”. No seu trabalho cruza a prática de pintura com a poesia gráfica, recorrendo a meios digitais e à instalação-performance. Tem mantido uma colaboração regular com o Teatro Praga desde 2016. Do seu percurso, ressaltam exposições individuais no Museu de Serralves (2019), no Porto, e na Galeria Balcony (2018 e 2020), Lisboa, e a participação nas coletivas “Ponto de Fuga”, na Cordoaria Nacional Lisboa e “Haus Wittgenstein”, no MAAT, Lisboa (2018).

Horácio Frutuoso was born in 1991, in Vila Nova de Famalicão. He studied at the Faculty of Fine Arts, University of Porto. He was a member of the SINTOMA group and co-author of the artistic project “Expedição”. His work combines painting with graphic poetry, using digital media and installation-performance. He has regularly collaborated with the Teatro Praga since 2016. His solo exhibitions include the Serralves Museum (2019), in Porto, and the Balcony Gallery (2018 and 2020), in Lisbon, and he also participated in the “Ponto de Fuga” (Vanishing Point) exhibition, held at Cordoaria Nacional Lisboa and “Haus Wittgenstein”, at MAAT, Lisbon (2018).

Kiluanji Kia Henda nasceu em 1979, em Angola. Vive e trabalha em Luanda. Mais do que juntar as peças de um quebra-cabeças de episódios históricos diversos, Kia Henda explora com humor e ironia a fotografia, o vídeo, a performance, a instalação e o objeto-escultura. Materializa narrativas fictícias e desloca os factos para diferentes temporalidades e contextos. Participou de várias exposições, entre elas: “The Divine Comedy”, Museum für Moderne Kunst, Frankfurt e Smithsonian Institute, Washington, 2014; “Surround the Audience”, New Museum Triennial, New York, 2015; “Museum (Science) Fictions - MUSEUM ON/OFF”, Centre George Pompidou, Paris, 2016; “Constellations”, Tate Gallery, 2017. Em 2017, recebeu o Frieze Artist Award.

Kiluanji Kia Henda was born in 1979, in Angola and lives and works in Luanda. Kia Henda explores photography, video, performance, installation and object-sculpture with humour and irony, moving far beyond merely fitting together pieces of a puzzle from different historical episodes. His work materialises fictional narratives and transposes facts to different time periods and contexts. He has participated in several exhibitions, including “The Divine Comedy”, in the Museum für Moderne Kunst, Frankfurt and the Smithsonian Institute, Washington, 2014; “Surround the Audience”, New Museum Triennial, New York, 2015; “Museum (Science) Fictions - MUSEUM ON/OFF”, Centre George Pompidou, Paris, 2016; “Constellations”, Tate Gallery, 2017. In 2017, he received the Frieze Artist Award.

Anna Franceschini nasceu em 1979, em Pavia (Itália). Estudou Media Studies em Milão e obteve uma bolsa de pós-graduação em História e Crítica de Cinema Italiano. O seu trabalho foi apresentado e premiado em importantes festivais europeus de cinema e, embora privilegiando o filme e o vídeo, tem vindo a aproximar-se da escultura e da instalação. Os objetos, os espaços e o conceito de cinematógrafo são tópicos que trabalha de modo recorrente. Participou em coletivas em vários museus e instituições de arte internacionais. Das suas individuais, destacam-se as exposições na Palazzo delle Esposizioni (Roma), Fiorucci Art Trust, (Londres), Galeria Vera Cortés (Lisboa).

Anna Franceschini was born in 1979, in Pavia (Italy). She has a BA Hons. degree in Media Studies in Milan and received a postgraduate scholarship in History and Criticism of Italian Cinema. Her work has been presented and won awards at important European film festivals and, while working primarily with film and video, she has also worked in the fields of sculpture and installation. She has worked on a recurring basis with objects, spaces and the concept of cinema. She has participated in group exhibitions in several museums and international art institutions. Her solo exhibitions include Palazzo delle Esposizioni (Rome), Fiorucci Art Trust, (London), Galeria Vera Cortés (Lisbon).

COMPLEXO COLOSSO

COLOSSUS COMPLEX

SALAS // ROOMS 12–13



A primeira notícia que existe sobre a existência do Colosso de Pedralva é de 23 de maio de 1876, data em que Francisco Martins Sarmento registou, num dos seus cadernos, as informações recebidas de um tal Padre António. Este relatou a existência, em Monte dos Picos, na freguesia de Pedralva, de um homem de pedra que supostamente corresponderia ao “esboço do gigante Golias”, e cujo destino era o Bom Jesus do Monte, em Braga. Mas após a primeira visita a Pedralva, o arqueólogo começa a fantasiar sobre a possibilidade de que a protuberância indefinida que a figura exibia na sua coxa esquerda pudesse estar relacionada a um culto fálico e à superstição da virtude procriadora atribuída a outras pedras que Sarmento havia datado na proto-história. As contraditórias teorias transmitidas pelos informantes de Martins Sarmento e as suas próprias dúvidas sobre a origem da escultura vão definir, nos anos seguintes, novos interesses por parte do investigador. Até que, em 1892, decide finalmente comprar um pequeno lote de terra a poucos metros do local da descoberta, onde foram montadas as três peças que compunham o Colosso.

Após a morte de Martins Sarmento, em 1899, o caso perde força nos debates arqueológicos e só em 1929 a escultura é transferida para o jardim da Sociedade Martins Sarmento/SMS onde ficará até 1996, quando um acordo entre a Câmara Municipal e a SMS decidiu transferi-lo para o acesso oeste da cidade, na Alameda Mariano Felgueiras, numa rotunda localizada entre o Hospital Senhora da Oliveira e o Guimarães Shopping, onde permanece até hoje.

Ao longo do século XX, o Colosso despertou timidamente o interesse de diversos estudiosos do campo da arqueologia e teve, no caso da Galiza, um especial impacto. Na segunda parte do século, o Colosso passou a fazer parte, entre a intelectualidade vizinha, não só de extensos estudos especializados, mas também de um repertório simbólico que dava conta da suposta importância do achado. Dizem que as histórias se formam em parte de verdade e em parte de especulação. A complexidade do caso do Colosso de Pedralva conhece, entre o final do século XIX e todo o século XX, um processo de constante ressignificação, sendo objeto de especulações e imprecisos estudos arqueológicos que, de alguma forma, o transcendem enquanto artefacto anacrônico. Pertence não só ao campo da arqueologia, mas também ao imaginário coletivo da área de influência do Minho.

Para além de veredictos sobre a importância da origem e datação, o projeto *Complexo Colosso* pretende aprofundar de forma indisciplinada as várias camadas que constituem este relato. A multiplicidade de identidades que determinam o tudo e o nada do Colosso são a base fundamental para colocar em questão as “culpas” a que foi condenado.

Transferir a análise do Colosso para o campo da arte permite também repensar o relato fazendo uso de todas essas camadas - as que alimentaram e as que questionaram a épica - formadoras do que o Colosso hoje representa. *Complexo Colosso* também aponta uma complexidade que vai além do debate sobre a origem do homem de pedra, desembocando em aspectos políticos e sociais que revelam uma série de problemáticas históricas das quais o Colosso é apenas a ponta.

Ángel Calvo Ulloa
Curador convidado

CURADOR CONVIDADO

O

CIAJG

desafia curadores a abordar o território, os acervos, e as produções de artistas de Guimarães. *Complexo Colosso* é o projeto de longa duração de 2021, imaginado pelo curador galego Ángel Calvo Ulloa e conta com a participação de pessoas e objetos que refletem sobre temas como arqueologia, especulação, escultura, ideologia ou género.

GUEST CURATOR

The CIAJG challenges curators to draw closer to the territory, the collections, and the productions of artists from Guimarães. *Complexo Colosso* is the long-term project for 2021, devised by the Galician curator, Ángel Calvo Ulloa, with the participation of people and objects that reflect on topics such as archaeology, speculation, sculpture, ideology or genre.

The

first

news

about

the

ex-

istence

of

the

Colos-

sso

dates

from

May

23,

1876,

when

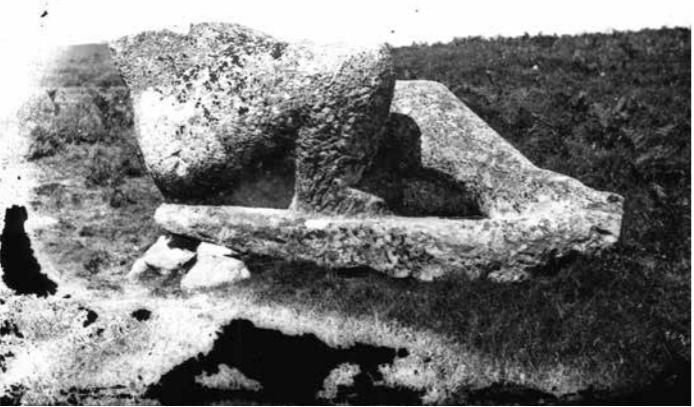
Francis-

co

Over the following years, the contradictory theories transmitted by the different individuals who talked to Martins Sarmento and his own doubts about the origin of the sculpture defined new interests for the researcher. In 1892, he finally decided to buy a small plot of land, a few metres from the discovery site, where the three parts of the Colossus were assembled. After Martins Sarmento's death, in 1899, interest in the case waned in archaeological debates and the sculpture was only transferred to the garden of the Sociedade Martins Sarmento (SMS) in 1929, where it remained until 1996, when Guimarães City Council and SMS decided to transfer it to the city's main western thoroughfare, the Alameda Mariano Felgueiras, in a roundabout between Hos-



Escultura Coloso de Pedralva. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães
Coleção Particular Ernesto de Sousa (1966)
Negativo em gelatina sal de prata (6 x 6 cm)
© Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC/ADF)



pital Senhora da Oliveira and Guimarães Shopping, where it remains today. Throughout the 20th century, the Colossus timidly aroused the interest of several scholars in the field of archaeology, with a special impact in Galicia, Spain. In the second half of the century, the Colossus became part, among the intelligentsia of the neighbouring region, not only of extensive specialised studies, but also of a symbolic repertoire which talked about the supposed importance of this find. They say that stories are formed partly from truth and partly from speculation. Through the end of the 19th century and throughout the 20th century the complexity of the case led to constant resignification, wherein it was the subject of speculations and imprecise archaeological studies that, somehow, transcend it, as an anachronistic artifact that doesn't just pertain to the field of archaeology, but also to the collective imagination of the surrounding Minho region.

In addition to verdicts on the importance of origin and dating, the Colossus Complex project intends to delve into the various layers of meaning of this account, in an undisciplined manner. The multiplicity of identities that determine the *everything and nothingness* of the Colossus are the fundamental basis for calling into question the "blame" to which it has been condemned.

Transferring analysis of the Colossus to the field of art also makes it possible to rethink the account, using all these layers - those that have fuelled and questioned this epic - which forms that which the Colossus represents today.

Colossus Complex also points to a complexity that extends beyond the debate about the origin of this stone figure, ending in political and social aspects that reveal an entire series of historical problems, of which the Colossus is just the tip.

Ángel Calvo Ulloa
Guest Curator

Ángel Calvo Ulloa nasceu em 1984, em Lalín (Pontevedra). É curador de exposições e crítico para publicações como El Cultural e Dardo Magazine. Como curador tem trabalhado em projetos para instituições como CA2M (Madrid), La Casa Encendida (Madrid), Caixaforum (Barcelona), MNAC (Barcelona), MARCO (Vigo), CCEMx (Cidade do México) ou Tabacalera (Madrid), entre outras. Atualmente prepara com Antonio Ballester Moreno o projeto de exposição "Autoconstrucción. Piezas sueltas. Juego y experiencia", para ARTIUM (Gasteiz, País Vasco) e "Nuevos Babilonios" (com Pedro G. Romero), para o Instituto Moreira Salles (São Paulo). Recentemente publicou, com Juan Canela, o livro "Conversaciones desde lo curatorial. Ideas, experiencias y afectos", Editora Consonni.

Carla Filipe nasceu em 1973, na Póvoa do Valado (Aveiro). Fez parte do movimento "artist run spaces" no Porto (cofundadora do "Salão Olímpico" e do "Projeto Apêndice"), iniciando neste contexto o seu trabalho. Investiga a apropriação de objetos e documentos, e tece relações entre objetos de arte, cultura popular e ativismo. Do conjunto de exposições nacionais e internacionais destacam-se: 8ª Bienal Manifesta, 13ª Bienal de Istambul, Museu de Serralves e Bienal de São Paulo. Com Ulrich Loock foi curadora de "Ontem morreu hoje, o hoje morre amanhã", Galeria Municipal do Porto (2018).

Alisa Heil nasceu em 1986, em Gelnhausen, e André Sousa em 1980, no Porto. Embora partilhem atelier nessa cidade e a prática de ambos inclua pontos em comum, esta é a primeira ocasião em que o trabalho de ambos é concebido numa instalação conjunta. O interesse de Heil aplica a correlação entre superstição, seu simbolismo e consumismo ultrapassado. Na pintura de Sousa, assim como nos seus vídeos, encontramos paisagens, referências literárias, experiências individuais ou elementos e apropriações codificadas. Além de ter apresentado seu trabalho internacionalmente em diversas ocasiões, Sousa coordena desde 2008, com o artista Mauro Cerqueira, o projeto e espaço artístico "Uma Certa Falta de Coerência", no Porto. Heil fundou em 2017 o projeto curatorial itinerante "Kunsthalle Freeport". Juntos, partilham a crença numa cena liderada por artistas.

NEG (Nova Escultura Galega) é um coletivo de artistas fundado por Misha Bies Golas (Lalín, Pontevedra, 1977) e Jorge Varela (Allariz, Ourense, 1971), em 2018. A sua prática artística remete não só à tradição artesanal galega, como também aos conceptualismos dos países do Leste europeu, nos anos setenta. Realizaram extensa compilação e troca de documentos e arquivos, bem como viagens de estudo a vários países do Leste da Europa, tendo publicado "Cadernos da NEG". A primeira apresentação pública conjunta acontece no CIAJG (Centro Internacional das Artes José de Guimarães), no contexto da exposição "Complexo Colosso".

Jorge Barbi nasceu em 1950, em A Guarda (Galiza). A reflexão sobre a passagem do tempo, os objetos e seu contexto,

a dialética forma-conteúdo e a preocupação com os mecanismos de percepção são constantes na obra de Jorge Barbi. Desde o início dos anos oitenta, Barbi adotou a viagem como método de trabalho para a observação de uma geografia e uma cartografia exaustiva da paisagem e dos elementos mutáveis que a constituem. O seu trabalho tem sido mostrado de forma individual em CAM Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; MARCO, Vigo; Museo Patio Herreriano, Valladolid ou CGAC, Santiago de Compostela.

Lola Lasurt nasceu em 1983, em Barcelona, e vive e trabalha nesta cidade. A artista pesquisa sobre a História como processo aberto e autocrítico, através da instalação, pintura, vídeo e processos colaborativos, numa perspectiva arqueológica dos media. Atualmente, finaliza um Master em Filosofia no Royal College of Art de Londres. Do conjunto de exposições nacionais e internacionais destacam-se: FRAC Nord-Pas-de-Calais; FRAC Pays de la Loire; Tate Modern, London; Victoria & Albert Museum, London; The Modern Institute, Glasgow/UK (2019); British Pavilion, 55th Venice Biennale/IT (2013); Hayward Gallery, London/UK (2012); Palais de Tokyo, Paris/FR (2008).

Andrea Santana nasceu em 1991, em Lisboa. Vive e trabalha em Nova Iorque. Licenciada em Artes Plásticas na ESAD - Escola de Artes e Design de Caldas da Rainha, participou no Programa de Estudos Independentes da Maumaus e é atualmente bolsista do programa de Studio Art da CUNY, Nova Iorque. Foi vencedora do Prémio Novo Banco Revelação, nomeada para o Ducato Prize (Itália) e Fundació Joan Miró, Museu Abelló, Mollet La Casa Encendida, Sant Andreu Contemporani, entre outras. Foi nomeada para o Young Belgian Art Prize'15, e recebeu o Premio Miquel Casablanca, entre outros.

Gareth Kennedy nasceu em 1979, em Dublin. O seu trabalho explora o papel social do artesanato no século XXI e gera 'comunidades de interesse' em torno da produção e interpretação de novas culturas materiais. Os resultados geralmente incluem estruturas arquitetônicas ou projetadas, filmes, objetos feitos à mão, bem como eventos performativos ao vivo que dão vida a essas entidades físicas em contextos públicos específicos. Kennedy produziu e exibiu trabalhos internacionalmente. A sua prática até o momento inclui obras de arte públicas, projetos educacionais, exposições, residências e colaborações. Em 2009, co-representou a Irlanda na 53ª Bienal de Veneza.

Taxio Ardanaz nasceu em 1978, em Pamplona. Vive e trabalha em Bilbao. Licenciado em Belas Artes, completou a sua formação através de seminários e workshops com os curadores e artistas Esther Ferrer, Julie Mehretu, Miroslaw Balka e Peio Aguirre. Realizou residências artísticas em países como a Itália, Curdistão iraquiano, Cuba, Áustria, México e China. Do conjunto de exposições nacionais e internacionais destacam-se: Tabacalera Promoción del Arte (2017), Raquel Ponce Gallery (2013), La Habana: Artist x Artist (2016); Mexico City: Ateneo Español de México (2012), AN Studio (2011); and Pamplona: Polvorín de la Ciudadela (2008). Recentemente foi selecionado nos Prémios Itzal Aktiboa (2018).

Jeremy Deller nasceu em 1964, em Aracena (Huelva).

O tema central da sua obra é a reflexão e investigação das imagens que resistem ao tempo - histórico, biológico, psicológico ou verbal. A sua obra aborda constantemente o desaparecimento da autoria e o questionamento das crenças. Em 2000 começou a trabalhar nos projetos: "Arquivo F.X." e "Máquina P.H", tendo como material de trabalho a iconoclastia e o flamenco, respetivamente. Participou de citas internacionais como Bergen Assembly 2019; DOCUMENTA14; 31ª Bienal de São Paulo; Manifesta 8 e 53ª Bienal de Veneza, entre outras.

Jorge Satorre nasceu em 1979, na Cidade do México. Através de processos manuais e experimentação com materiais diversos, a sua obra tem-se desenvolvido como um conjunto de respostas a vestígios excluídos de momentos históricos nos diferentes contextos com que se relaciona, reivindicando opiniões aparentemente pouco representativas, mas reveladoras de uma verdade não hegemônica. O seu trabalho tem sido mostrado em espaços como: REDCAT, Los Angeles; Museo Tamayo, Cidade do México; Artspace, Auckland; Halfhouse, Barcelona; Le Grand Café, St-Nazaire (França); FormContent, Londres; Centro Cultural Montehermoso, Vitoria ou La Casa Encendida, Madrid.

Pedro G. Romero nasceu em 1964, em Aracena (Huelva).

O tema central da sua obra é a reflexão e investigação das imagens que resistem ao tempo - histórico, biológico, psicológico ou verbal. A sua obra aborda constantemente o desaparecimento da autoria e o questionamento das crenças. Em 2000 começou a trabalhar nos projetos: "Arquivo F.X." e "Máquina P.H", tendo como material de trabalho a iconoclastia e o flamenco, respetivamente. Participou de citas internacionais como Bergen Assembly 2019; DOCUMENTA14; 31ª Bienal de São Paulo; Manifesta 8 e 53ª Bienal de Veneza, entre outras.



Ángel Calvo Ulloa was born in 1984, in Lalín (Pontevedra). He is a curator of exhibitions and a art critic for publications such as El Cultural and Dardo Magazine. As a curator he has worked on projects for institutions such as CA2M (Madrid), La Casa Encendida (Madrid), Caixaforum (Barcelona), MNAC (Barcelona), MARCO (Vigo), CCEMx (Mexico City) or Tabacalera (Madrid), among others. He is currently preparing the exhibition project "Autoconstrucción. Piezas sueltas. Juego y experiencia", for ARTIUM (Gasteiz, País Vasco) and "Nuevos Babilonios" (with Pedro G. Romero), for the Moreira Salles Institute (São Paulo). He recently co-edited, with Juan Canela, the book "Conversaciones desde lo curatorial. Ideas, experiencias y afectos", Editora Consonni.

Carla Filipe was born in 1973, in Póvoa do Valado (Aveiro). She played an important part in the "artist-run spaces" movement in Porto (as co-founder of "Salão Olímpico" and "Projeto Apêndice") and began her work in this context. She has investigated the appropriation of objects and documents, and traced relationships between works of art, popular culture and activism. Her main participations in international and national exhibitions include the 8th Biennial Manifesta, 13th Istanbul Biennial, Serralves Museum and the Biennial de São Paulo. She co-curated, with Ulrich Loock, "Ontem morreu hoje, o hoje morre amanhã" (Yesterday died today, today dies tomorrow), Galeria Municipal do Porto (2018).

Alisa Heil was born in 1986, in Gelnhausen, and André Sousa was born in 1980, in Porto. Although both share a studio in Porto and share several points in common in their work, this is the first time that their work is conceived in the form of a joint installation. Heil's interest explores the correlation between superstition, its symbolism and the outdated consumerism. In Sousa's paintings and videos, we encounter landscapes, literary references, individual experiences or elements and codified appropriations. Since 2008, in addition to presenting his work internationally on several

occasions, Sousa in conjunction with the artist Mauro Cerqueira, has coordinated the artistic project and space "Uma Certa Falta de Coerência", in Porto. In 2017, Heil founded the itinerant curatorial project "Kunsthalle Freeport". Together, they share the belief in artist-run initiatives.

NEG (Nova Escultura Gallega) is a collective of artists founded in 2018 by Mischa Bies Golas (Lalín, Pontevedra, 1977) and Jorge Varela (Allariz, Ourense, 1971). The collective's artistic practice refers not only to the tradition of Galician handicrafts, but also to the conceptual ideas of Eastern European countries in the 1970s. They produced an extensive compilation and exchange of documents and archives, and also organised study trips to various countries in Eastern Europe, and published the "Cadernos da NEG". The collective's first joint public presentation will occur in the CIAJG (José de Guimarães International Centre for the Arts), in the context of the exhibition "Colossus Complex".

Jorge Barbi was born in 1950, in A Guarda, Galicia. The reflection on the passage of time, objects and their context, the dialectic form-content and the concern with the mechanisms of perception are constant in the work of Jorge Barbi. Since the early 1980s, Barbi has adopted travel as a working method for observing a geography and an exhaustive cartography of the landscape and the changing elements that make it up. His work has been shown individually at CAM Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon; MARCO, Vigo; Museo Patio Herreriano, Valladolid or CGAC, Santiago de Compostela.

Lola Lasurt was born in 1983, in Barcelona, where he lives and works. The artist develops research into History as an open and self-critical process, through installations, paintings, videos and collaborative processes, from an archaeological perspective of the media. She is currently completing a Master of Philosophy degree at the Royal College of Art in London. Her main participations in national and international exhibitions include the Galeria Joan Prats,

Espai13 Fundació Joan Miró, Abelló Museum, Mollet La Casa Encendida, Sant Andreu Contemporani, among others. She was nominated for the Young Belgian Art Prize' 15, and received the Miquel Casablancas Award, among others.

Taxio Ardanaz was born in 1978 in Pamplona. He lives and works in Bilbao. With a BA Hons. degree in Fine Arts and completed his training through seminars and workshops with the curators and artists Esther Ferrer, Julie Mehretu, Mirosław Balka and Peio Aguirre. He has participated in artistic residencies in countries such as Italy, Iraqi Kurdistan, Cuba, Austria, Mexico and China. His main participations in national and international exhibitions include Tabacalera Promoción del Arte (2017), Raquel Ponce Gallery (2013), La Habana: Artist x Artist (2016); Mexico City: Ateneo Español de México (2012), AN Studio (2011); and Pamplona: Polvorín de la Ciudadela (2008). He was recently selected in the Itzal Aktiboa Awards (2018).

Jeremy Deller was born in 1966 in London, where he lives and works. Among other awards, he won the Turner Prize in 2004. He has been developing research into social stereotypes and the narratives of identity and history, through collaborative forms of production, in a proposal that dilutes the protocols of authorship. His main participations in national and international exhibitions include FRAC Nord-Pas-de-Calais; FRAC Pays de la Loire; Tate Modern, London; Victoria & Albert Museum, London, The Modern Institute, Glasgow / UK (2019); British Pavilion, 55th Venice Biennale / IT (2013); Hayward Gallery, London / UK (2012); Tokyo Palais, Paris / FR (2008).

life in specific public contexts. Kennedy has produced and exhibited his works internationally. His artistic practice until today includes public works of art, educational projects, exhibitions, residences and collaborations. In 2009, he co-represented Ireland at the 53rd Venice Biennale.

Jorge Satorre was born in 1979, in Mexico City. Using manual processes and experimentation with different materials, his work has developed as a set of responses to vestiges excluded from various historical moments in the different contexts with which he interacts, and defends apparently unrepresentative opinions, which reveal a non-hegemonic truth. His work has been exhibited in spaces such as: REDCAT, Los Angeles; Museo Tamayo, Mexico City; Artspace, Auckland; Halfhouse, Barcelona; Le Grand Café, St-Nazaire (France); FormCon, London; Centro Cultural Montehermoso, Vitoria, Vitoria or La Casa Encendida, Madrid.

Pedro G. Romero was born in 1964, in Arcena (Huelva). The central theme of his work is the reflection and investigation of images that resist the passage of historical, biological, psychological or verbal time. His work constantly addresses the disappearance of authorship and the questioning of beliefs. In 2000 he began working on the projects: "Archivo FX." and "Máquina P.H.", respectively using iconoclasm and flamenco as his core work material for each project. He has participated in international events such as the Bergen Assembly 2019; dOCUMENTA14; 31st Bienal de São Paulo; Manifesta 8 and the 53rd Venice Biennale, among others.

Gareth Kennedy was born in 1979 in Dublin. His work explores the social role of crafts in the 21st century and generates 'communities of interest' associated to the production and interpretation of new material cultures. The results generally include architectural structures or projected structures, films, hand-made objects, as well as live performance events that bring these physical entities to

has been shown in Portugal and abroad in venues such as Serralves Contemporary Art Museum, Porto; Hangar, Lisbon; Generali Milano; Filomena Soares Gallery; Porto Municipal Gallery; Peninsula Gallery, New York; MAAT, among others;

Joaquim Salgado Almeida was born in 1951, in S. Martinho de Candoso (Guimarães). He holds a BFA degree in Fine Arts from ESBAP, and has taught in the field of visual arts in public and private higher education. In addition to painting, he has worked in the fields of sculpture and as an illustrator for several publications. As a cartoonist, he has worked with the newspaper "O Povo de Guimarães", including portraying two historical and identity references - Afonso Henriques and the Colossus de Pedralva. He participates on a weekly basis in the "Mais Guimarães" newspaper, with the "Mais SAI" cartoon strip. He currently works in projects such as "Osmusiké Cadernos", "Sounds and voices of Liberty", "Sons do Temp(l)o" (Sounds of time and temple) and others, in an embryonic form.



A OFICINA

Direção // Management Board

Presidente // President
Adelina Paula Pinto
(Câmara Municipal de Guimarães)
Vice-Presidente // Vice President
António Augusto Duarte Xavier
Tesoureiro // Treasurer
Maria Soledade da Silva Neves
Secretário // Secretary
Jaime Marques
Vogal // Member
Casa do Povo de Fermentões

Conselho Fiscal // Statutory Audit Committee

Presidente // President
José Fernandes
(Câmara Municipal de Guimarães)
Vogal // Member
Taipas Turitermas, CIPRL
Vogal // Member
Djalme Alves Silva

Mesa da Assembleia Geral // General Meeting's Board

Presidente // President
Lino Moreira da Silva
(Câmara Municipal de Guimarães)
Vice-Presidente // Vice President
Manuel Ferreira
Secretário // Secretary
CAR - Círculo de Arte e Recreio

Direção Artística // Artistic Direction

Fátima Alçada
Direção Executiva // Executive Direction
Ricardo Freitas

Programação // Programming

Catarina Pereira (Património e Artesanato)
Fátima Alçada (Artes Performáticas / Educação e Mediação Cultural / Teatro Oficina)
Ivo Martins (Guimarães Jazz / Curadoria Palácio Vila Flor)
Marta Mestre (Curadoria Geral CIAJG)
Rui Torrinha (Artes Performáticas / Festivais / Teatro Oficina)

Assistente de Direção // Assistant Director

Anabela Portilha
Assistentes de Direção Artística // Artistic Director Assistants
Cláudia Fontes, Francisco Neves
Educação e Mediação Cultural // Education and Cultural Service
Fátima Alçada (Direção),
Carla Oliveira, Celeste Domingues,
Daniela Freitas, João Lopes,
Marisa Moreira, Marta Silva
Produção // Production

Susana Pinheiro (Direção)
Andréia Abreu, Andreia Novais,
João Terras, Hugo Dias, Nuno Ribeiro,
Rui Salazar, Sofia Leite
Técnica // Technical Staff
Carlos Ribeiro (Direção),
Vasco Gomes (Direção de Cena)
João Castro, João Guimarães,
Nuno Eiras, Ricardo Santos,
Rui Eduardo Gonçalves, Sérgio Sá
Serviços Administrativos / Financeiros // Administração / Financial Services

Helena Pereira (Direção),
Ana Carneiro, Carla Inácio, Liliana Pina,
Marta Miranda, Pedro Pereira, Susana Costa
Instalações // Facilities
Luís Antero Silva (Direção),
Joaquim Mendes (Assistente),
Jacinto Cunha, Rui Gonçalves (Manutenção),
Amélia Pereira, Carla Matos, Conceição

Leite, Conceição Oliveira,
Maria Conceição Martins,
Maria de Fátima Faria, Rosa Fernandes
(Manutenção e Limpeza)
Comunicação e Marketing // Communication and Marketing

Marta Ferreira (Direção),
Bruno Borges Barreto (Assessoria de Imprensa), Carlos Rego (Distribuição),
Paulo Dumas, Susana Magalhães
(Comunicação Digital),
Eduarda Fontes, Susana Sousa (Design)
Andreia Martins, Jocélia Gomes,
Josefa Cunha, Manuela Marques,
Sylvie Simões (Atendimento ao Público)
Património e Artesanato // Heritage and Crafts

Catarina Pereira (Direção),
Bela Alves (Olaria),
Inês Oliveira (Gestão do Património)

Organização // Organization
Financiamento Oficina // A Oficina Funded by

MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

JORNAL EXPOSIÇÃO // EXHIBITION JOURNAL
FICHA TÉCNICA // TECHNICAL CREDITS

Edição // Editor
Marta Mestre
Textos // Texts
Ángel Calvo Ulloa

Carla Cruz
João Pedro Sousa

Marta Mestre
Apoio à pesquisa // Research support

José Marmeira

Revisão científica // Scientific revision

João Pedro Sousa (antropologia // anthropology)

Produção // Production

João Terras

Design Editorial // Editorial Design

Susana Sousa

Tradução // Translation

Martin Dale

1º CICLO EXPOSITIVO

Curadoria – Geral // Curator
Marta Mestre
Produção // Production

João Terras, Nuno Ribeiro, Hugo Dias

Técnica de Património // Heritage Management
Inês Oliveira

Instalações // Facilities

Joaquim Mendes, Rui Gonçalves
Técnica // Technical Staff

Carlos Ribeiro (Direção),
João Guimarães, Nuno Eiras, Sérgio Sá
(Audiovisuais), Ricardo Santos (Luz)

Equipa de Montagens // Assembly Team
Miguel Marques, Paulo Castanheira,
Ricardo Dias, Rúben Freitas

Eletricista // Electrician

Toronto Ribeiro

Tradução // Translation

Martin Dale

Infografia // Graphic Design
Susana Sousa

Agradecimentos // Thanks

Atelier José de Guimarães

A todos os artistas,
colecionadores e instituições

Apoios // Supports

HOTEL FUNDADOR
 HOTEL DE GUIMARÃES BUSINESS & SPA
 STAY HOTELS JUST WHAT YOU NEED

Cofinanciamento // Co-funded by

REPÚBLICA PORTUGUESA dgARTES
DIRIGEÇÃO GERAL DAS ARTES

SANTA LUZIA ART HOTEL
 SAGRES

PROGRAMAS PÚBLICOS

PUBLIC PROGRAMMES

Os Programas Públícos do CIAJG conectam pessoas com arte e ideias, através de encontros que estimulam perspetivas plurais e muitas vezes contraditórias sobre o mundo. Conversas, leituras, sessões de cinema, concertos, performances e desdobramentos no espaço digital.

The CIAJG'S Public Programmes connect people with art and ideas, through meetings that stimulate plural and often contradictory perspectives on the world. This includes conversations, readings, film screenings, concerts, performances and developments in the digital space.

ABRIL // APRIL

- SEG // MON 19, 14H00 ONLINE

Aula Aberta
"Pode um Museu ser uma Polifonia?" com Marta Mestre
Videoconferência, Zoom Colibri (ID 863 0196 5559) e transmissão direta no Facebook da EAAD.

//
Open Lecture
"Can a Museum be a polyphony?"
with Marta Mestre
Videoconference, Zoom Colibri (ID 863 0196 5559) with broadcast on EAAD facebook.

[Com // with Universidade do Minho/EAAD, CIAJG e Lab2PT (EAAD/ICS).]

- QUA // WED 28, 15H00-18H00

Intervenção da artista Susana Mendes da Silva e dos alunos da Licenciatura em Artes Visuais / Universidade do Minho
//
Intervention by the artist Susana Mendes da Silva and students of the BA Hons. degree in Visual Arts / University of Minho

MAIO // MAY

- DOM // SUN 9, 11H00 HALL E SALAS DE EXPOSIÇÃO // HALL AND EXHIBITIONS ROOMS

Visita - *Um mergulho "Nas margens da ficção"*, com Marta Mestre e João Terras
//
Guided tour – *Delving into "On the edges of fiction,"* with Marta Mestre and João Terras

- SÁB // SAT 15

Encontros do Colosso // Colossus Encounters

16h00 | Piso//Floor -1

Atelier Escultura especulativa, com N.E.G. [Nova Escultura Galega]
//
Atelier Speculative sculpture, with N.E.G. [Nova Escultura Galega]

17h00 | Piso -1

Conversa *Desenterrar futuros no passado*, com Ángel Calvo Ulloa, Gonçalo Cruz, N.E.G. [Nova Escultura Galega: Misha Bies Golas & Jorge Varela]
//
Talk *Unearthing futures in the past*, with Ángel Calvo Ulloa, Gonçalo Cruz, N.E.G. [Nova Escultura Galega: Misha Bies Golas & Jorge Varela]

- TER // TUE 18

Dia Internacional dos Museus // International Museum Day

Todo o dia

Entrada gratuita nas Exposições
//
All day
Free entrance in the exhibitions

14h00 | Piso//Floor -1

Aula Aberta com Ángel Calvo Ulloa, N.E.G. [Misha Bies Golas & Jorge Varela] e Salgado Almeida reservada aos alunos da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Minho, dedicada à exposição "Complexo Colosso".
//
Open Class with Ángel Calvo Ulloa, N.E.G. [Misha Bies Golas & Jorge Varela] and Salgado Almeida, reserved for students from the University of Minho's B.A. Hons. degree in Visual Arts, dedicated to the exhibition, "Complex Colosso".

19h00 | Online

Reescrever o Museu: desafios pós-coloniais e decoloniais no CIAJG, com Maria Vlachou, Gisela Casimiro e Marta Mestre
//
Rewriting the Museum: post-colonial and decolonial challenges at the CIAJG, with Maria Vlachou, Gisela Casimiro and Marta Mestre

- QUI // THU 21, 19H00 ONLINE

Conversa "Fricções" - *História, um modo de ficcionar*, com Luís Trindade
//
Talk - *History, a way of fictionalizing* with Luís Trindade

- SÁB // SAT 29

15h00 | Black Box
Exibição dos filmes *A Bissau, Le Carnaval* (Em Bissau, O Carnaval, 1980) e *Et les chiens se taisaient* (E os cães deixaram de ladrar, 1978) da cineasta Sarah Maldoror
Sessão comentada por Paulo Cunha / Cineclube de Guimarães
//
Screening of the films *A Bissau, Le Carnaval* (In Bissau, The Carnival, 1980) and *Et les chiens se taisaient* (And the dogs stopped barking, 1978) by Sarah Maldoror
Commented session by Paulo Cunha / Cineclube de Guimarães

19h00 | Cafetaria

Performance musical *A vingança das serpentes*, por Ence Canlı
//
Musical Performance *The revenge of the serpents*, by Ece Canlı

Centro Internacional das Artes
José de Guimarães (CIAJG)

Horário de funcionamento

terça a sexta
10h00 - 17h00 (últimas entradas às 16h30)
sábado e domingo
11h00 - 18h00 (últimas entradas às 17h30)

Tarifário

4 eur/3 eur
Cartão Jovem, Menores de 30 anos, Estudantes, Cartão Municipal de Idoso, Reformados, Maiores de 65 anos, Cartão Municipal das Pessoas com Deficiência, Deficientes e Acompanhante / Cartão Quadrilátero Cultural desconto 50%/
Entrada Gratuita
crianças até 12 anos / domingos de manhã (11h00 às 14h00)
//

José de Guimarães International Arts Centre (CIAJG)

Opening hours

tuesday to friday
10.00am-5.00pm (last visits 4.30pm)
saturday and sunday
11.00am-6.00pm (last visits 5.30pm)

Tariffs

4 eur/3 eur
Holders of the Cartão Jovem, Under 30 years, Students, Holders of the Cartão Municipal de Idoso, Reformados (Senior and Pensioner's Card), Over 65 years, Handicapped patrons and the person accompanying them / Cartão Quadrilátero Cultural 50% discount /
Free Entrance
children until 12 years old / sunday morning (11.00 am to 2.00 pm)

www.ciajg.pt